

**Realidades e desafios dos estudantes da EJA: uma pesquisa participativa sobre
permanência, trabalho e trajetórias escolares**

**Realities and challenges facing adult education students: a participatory study on
retention, work, and educational trajectories**

**Realidades y retos de los alumnos de la EJA: una investigación participativa sobre la
permanencia, el trabajo y las trayectorias escolares**

DOI: 10.54901/educa.v9-574

Joao Paulo Ribeiro Bernardes¹

RESUMO: A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros no Estado do Espírito Santo², teve como objetivo compreender as condições de vida, estudo, trabalho e transporte dos educandos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) e suas implicações na permanência escolar. Fundamentada nos princípios da educação popular freireana, a investigação adotou a pesquisa participante como metodologia, promovendo o protagonismo dos estudantes na produção e interpretação dos dados. Os resultados evidenciaram que, apesar das adversidades socioeconômicas e das responsabilidades familiares, os estudantes mantêm forte motivação para permanecer na escola, reconhecendo-a como espaço de valorização pessoal e reconstrução de projetos de vida. A análise reforça a importância da escuta ativa e da participação dos educandos na formulação de práticas pedagógicas contextualizadas, reafirmando a EJA como espaço de inclusão, diálogo e emancipação. Conclui-se que políticas públicas e ações escolares baseadas no respeito à diversidade, no reconhecimento das identidades étnico-raciais e na escuta dos sujeitos são essenciais para fortalecer o direito à educação e combater os fatores de exclusão histórica que ainda persistem nessa modalidade de ensino.

Palavras-chave: educação de jovens, adultos e idosos; pesquisa participativa; permanência escolar; Paulo Freire e diversidade.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) representa uma modalidade essencial para assegurar o direito à educação àqueles que não concluíram a escolaridade na idade regular. Ao mesmo tempo em que oferece oportunidades de inclusão social e cidadania, a EJAI enfrenta desafios constantes, como as altas taxas de evasão escolar, as dificuldades de conciliação entre estudo, trabalho e responsabilidades familiares, além da persistente desvalorização social dessa modalidade de ensino.

¹ Mestre em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, Espírito Santo, Brasil.
E-mail: jprbernardes@gmail.com

² Nome fictício para garantir a identidade das/os entrevistadas/os.

Diante desse cenário, é fundamental ouvir os próprios estudantes da EJAI para compreender suas realidades e expectativas, uma vez que “a prática educativa exige a incorporação dos saberes dos educandos, sua história de vida e seu contexto cultural” (Freire, 1996, p. 25). Nessa perspectiva, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1987, p. 47). Essa concepção pedagógica impulsionou a criação de espaços de escuta, diálogo e construção coletiva do saber, nos quais as experiências e os conhecimentos dos estudantes são valorizados como parte essencial do processo educativo.

Assim, uma pesquisa participativa, com instrumentos simples e acessíveis, possibilita que os alunos compartilhem suas trajetórias, dificuldades e motivações. Dessa forma, a escola pode planejar ações que dialoguem diretamente com as necessidades desse público e, ao mesmo tempo, desenvolver estratégias eficazes para atrair novos estudantes e fortalecer o vínculo com a comunidade.

Diante dessas reflexões iniciais, surge a necessidade de compreender de forma mais aprofundada os fatores que interferem na permanência e no sucesso escolar dos estudantes da EJAI. A seguir, apresenta-se o problema de pesquisa que orienta este estudo, voltado a investigar as condições de vida, estudo, trabalho e transporte desses sujeitos, e as implicações dessas dimensões em suas trajetórias educacionais.

2 PROBLEMATIZAÇÃO, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) enfrenta desafios complexos que ultrapassam os limites do espaço escolar e refletem as condições sociais, econômicas e culturais de seus estudantes. Muitos educandos vivenciam longas jornadas de trabalho, enfrentam dificuldades de transporte, acumulam responsabilidades familiares e dispõem de tempo limitado para os estudos. Esses fatores impactam diretamente a permanência e a participação nas atividades escolares, exigindo da escola um olhar sensível e políticas pedagógicas mais inclusivas.

Compreender essas realidades é fundamental para repensar práticas educativas e políticas públicas que valorizem a EJAI enquanto espaço de inclusão, diálogo e emancipação. Nesse contexto, a presente investigação busca responder à seguinte questão norteadora: quais são as condições de vida, estudo, trabalho e transporte dos estudantes da EJAI e como esses fatores influenciam sua permanência ou evasão escolar?

A partir dessa indagação, apresentamos como objetivo geral investigar as condições de vida e estudo dos alunos da EJAI, por meio de uma abordagem participativa, a fim de compreender os desafios enfrentados e propor ações que contribuam para sua permanência e valorização da educação.

De modo mais específico, a pesquisa pretende:

- a) levantar informações sobre moradia, transporte, trabalho e cotidiano dos estudantes da EJAI;
- b) identificar os principais fatores que dificultam ou favorecem a permanência escolar;
- c) analisar as motivações dos alunos para retornar à escola;
- d) promover a participação ativa dos estudantes na produção e interpretação dos dados;
- e) sistematizar os resultados da pesquisa em gráficos e tabelas, de forma a torná-los acessíveis à comunidade escolar;
- f) elaborar propostas de ações pedagógicas e comunitárias que fortaleçam a EJAI e estimulem novas matrículas.

A justificativa desta pesquisa encontra respaldo na recorrente evasão escolar observada na modalidade EJAI, especialmente em contextos marcados por vulnerabilidade social. Os estudantes da EJAI vivenciam uma dupla jornada, trabalham para garantir a subsistência e, simultaneamente, buscam retomar os estudos como forma de reconstruir seus projetos de vida. Nesse sentido, ouvir esses sujeitos é um ato político e pedagógico, pois possibilita que a escola reconheça suas demandas reais e elabore estratégias de acolhimento mais eficazes.

A utilização da pesquisa participativa permite que os próprios educandos se tornem protagonistas na produção e interpretação dos dados, promovendo a democratização do conhecimento e o fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade. Além disso, a apresentação dos resultados em gráficos e tabelas contribui para uma compreensão visual e objetiva da realidade investigada, favorecendo tanto o planejamento pedagógico quanto a formulação de políticas públicas.

Desse modo, esta pesquisa reafirma a identidade da EJAI como espaço de inclusão, participação democrática e valorização das trajetórias de vida de seus estudantes, em consonância com os princípios da educação popular freireana.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) se constitui como um espaço de reafirmação do direito à educação e de reconhecimento das múltiplas trajetórias de vida de seus

estudantes. Essa modalidade, marcada pela diversidade etária, social e cultural, exige práticas pedagógicas que superem modelos tradicionais de ensino e valorizem as experiências acumuladas pelos sujeitos. Além de ofertar o acesso à escolarização, a EJAI representa um campo de resistência e de reconstrução identitária, no qual os sujeitos reelaboram suas histórias e constroem novas possibilidades de existência. Nesse contexto, o ambiente escolar torna-se um espaço simbólico de pertencimento, onde o aprender se relaciona diretamente ao viver, e o conhecimento assume função social e transformadora.

Segundo Costa e Amorim (2020), compreender quem são os estudantes da EJAI na contemporaneidade implica reconhecer que suas trajetórias escolares são atravessadas por exclusões históricas, interrupções e desafios cotidianos, como o trabalho, o transporte e as responsabilidades familiares. Essa observação evidencia que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes não decorrem apenas de limitações individuais, mas de estruturas sociais desiguais que, historicamente, restringiram o acesso à educação formal. Assim, compreender a EJAI é reconhecer as marcas da desigualdade que moldam as experiências de vida dos alunos e que, ao mesmo tempo, impulsionam suas buscas por reconhecimento e emancipação por meio da educação.

Os autores destacam que “a trajetória escolar desses indivíduos é marcada por interrupções, quando foram excluídos da escola regular em virtude de problemas de diversas ordens, sejam sociais ou econômicas” (Costa; Amorim, 2020, p. 2). Diante disso, a escola precisa ser um espaço de acolhimento e reconstrução, capaz de integrar saberes e promover a autonomia dos estudantes. Essa postura pedagógica requer o rompimento com práticas excludentes e homogeneizadoras, que desconsideram as singularidades dos sujeitos. A escola deve acolher a diversidade como ponto de partida, compreendendo que o ensino-aprendizagem só se efetiva quando há reconhecimento e valorização das histórias de vida dos estudantes. Desse modo, o trabalho docente na EJAI ultrapassa a simples transmissão de conteúdos. O trabalho dos professores se torna um ato político e ético, comprometido com a humanização e a transformação social.

Nessa perspectiva, o professor precisa compreender que os sujeitos da EJAI não retornam à escola apenas para obter um diploma, mas para reconstruir suas identidades, recuperar a autoestima e reafirmar sua cidadania. O retorno dos estudos, muitas vezes após anos de afastamento, simboliza um movimento de resistência frente às desigualdades que historicamente marginalizaram esses sujeitos. Arroyo (2011) lembra que os estudantes devem ser vistos como sujeitos sociais, e não como meros “alunos”, pois cada um traz um repertório de saberes, crenças e práticas que precisam ser reconhecidos no processo de ensino-

aprendizagem. Essa compreensão amplia o papel da escola e do professor, que passam a atuar como mediadores do diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos científicos. Essa visão dialoga diretamente com a pedagogia freireana, que compreende o ato educativo como prática de liberdade e transformação social, colocando o diálogo como caminho para a superação das opressões e o fortalecimento da consciência crítica.

Paulo Freire (1987) defende que a educação deve partir da realidade concreta dos estudantes, considerando sua história de vida e sua cultura. O autor afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1987, p. 47). Assim, o papel do professor é o de mediador do conhecimento, alguém que aprende e ensina simultaneamente. Essa mediação exige sensibilidade pedagógica, pois, como reforça Freire, o professor é também sujeito do processo de aprendizagem.

Em outra obra, Freire (1996, p. 29) reforça que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, indicando que o processo educativo deve ser permanente, investigativo e dialógico. Essa indissociabilidade entre ensino e pesquisa permite que o ato educativo se transforme em um exercício contínuo de reflexão e ação, promovendo a autonomia intelectual e a emancipação dos sujeitos.

Dessa forma, a construção de uma EJAI crítica e emancipadora deve considerar a diversidade de identidades presentes no espaço escolar. Esse compromisso exige currículos flexíveis, metodologias participativas e práticas pedagógicas sensíveis à realidade sociocultural dos educandos. Portanto, compreender as condições de vida, trabalho e estudo dos alunos da EJAI é reconhecer o valor de suas experiências e construir caminhos pedagógicos que promovam o direito à educação, à dignidade e à transformação social. Assim, a escuta, o diálogo e o respeito à diversidade se tornam fundamentos essenciais de uma escola verdadeiramente democrática e emancipadora. A valorização das vivências dos estudantes e o reconhecimento de suas narrativas pessoais e coletivas conferem à EJAI um papel central na consolidação de uma sociedade mais justa, inclusiva e comprometida com os princípios da equidade e da cidadania.

4 METODOLOGIA

A presente investigação adota a pesquisa participante como metodologia central, inspirada nos pressupostos da educação popular freireana. Essa escolha metodológica se fundamenta na compreensão de que o ato de pesquisar é também um ato educativo, dialógico e

transformador, que tem como objetivo conhecer a realidade dos sujeitos e, simultaneamente, contribuir para sua transformação.

De acordo com Freire (1987, p. 35), “a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares, e como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”. Assim, o processo investigativo se estrutura a partir da escuta e da participação ativa dos educandos, reconhecendo-os como coautores do conhecimento produzido.

Brandão (1985) reforça essa concepção ao afirmar que a pesquisa participante “se inventa” quando o pesquisador passa a conviver com pessoas reais, com suas culturas e histórias, transformando o outro em convivência e compromisso. Portanto, o pesquisador não se coloca como alguém que observa de fora, mas como parte integrante do processo de aprendizagem e transformação coletiva.

Segundo Haguette (1999, p. 224), um dos princípios fundamentais da pesquisa participante é a “possibilidade lógica e política de sujeitos e grupos populares serem os produtores diretos ou associados do próprio saber”. Desse modo, a pesquisa busca construir uma relação horizontal entre pesquisador e participantes, na qual ambos aprendem, dialogam e constroem sentidos compartilhados sobre a realidade vivida.

Com base nessa perspectiva, o desenvolvimento da pesquisa ocorrerá em três etapas interdependentes:

1. Diagnóstico e escuta da comunidade escolar: realização de encontros, rodas de conversa e aplicação de questionários simples junto aos estudantes da EJAI, a fim de compreender suas condições de vida, estudo, trabalho e transporte, além de suas percepções sobre a escola.
2. Análise das narrativas e sistematização dos dados: organização e interpretação das falas e registros, buscando identificar temas recorrentes, dificuldades, expectativas e motivações. Essa etapa permitirá o reconhecimento dos “temas geradores” (Freire, 1987) que emergem da realidade concreta dos educandos.
3. Devolutiva e construção coletiva: socialização dos resultados com os próprios participantes e com a equipe escolar, possibilitando reflexões sobre práticas pedagógicas, estratégias de permanência e propostas de ação.

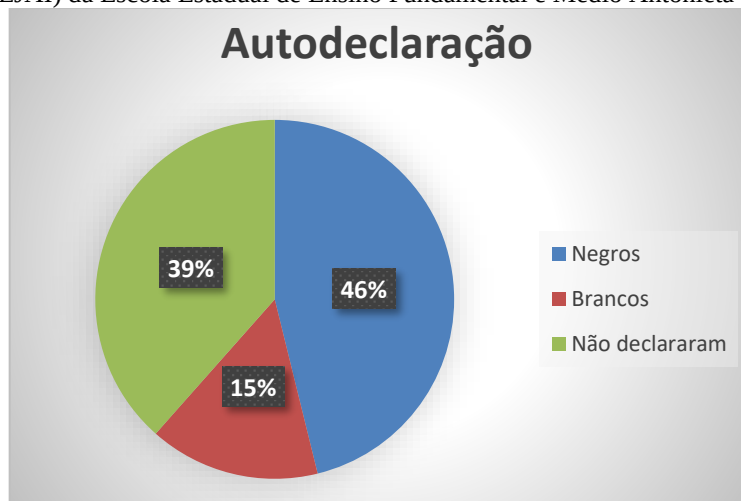
A abordagem é qualitativa, conforme defendem Minayo (2010) e Gil (2019), por priorizar a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Tal abordagem considera o contexto social, cultural e econômico dos estudantes como elemento constitutivo do fenômeno estudado.

A escolha da pesquisa participante se justifica por sua coerência com os princípios da EJAI, uma vez que favorece o protagonismo dos educandos, a valorização de seus saberes e a construção de um currículo vivo, em diálogo com as demandas concretas da comunidade escolar. Assim, pesquisar torna-se um ato político e pedagógico que, nas palavras de Freire (1996, p. 29), possibilita “constatar, intervir, educar e educar-se”, numa relação contínua de ensino e aprendizagem.

5 ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação do questionário junto aos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros no Estado do Espírito Santo contou com a participação de treze alunos, revelando informações significativas sobre suas trajetórias escolares, condições de vida, características sociodemográficas e motivações para o retorno aos estudos. Entre os participantes, 46% se autodeclararam negros, 15% se autodeclararam brancos e 39% não informaram sua cor/raça (Figura 1).

Figura 1. Distribuição percentual de autodeclaração racial dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros.

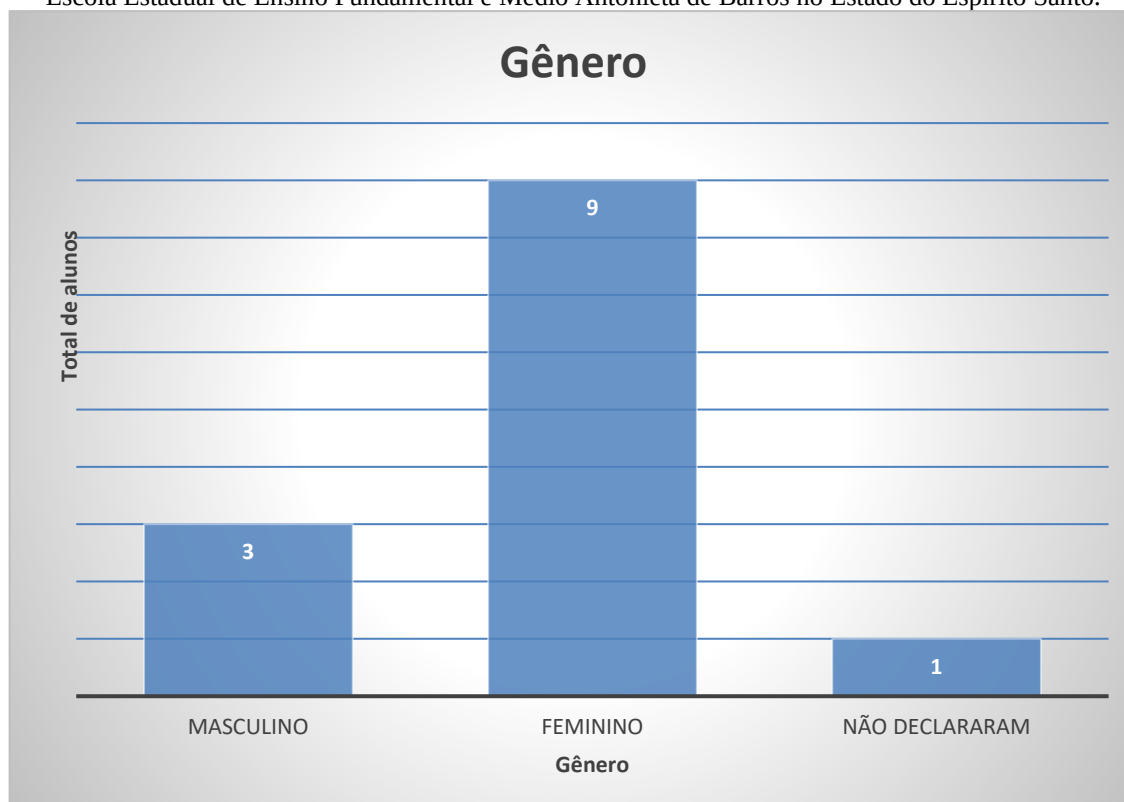


Fonte: Próprio autor.

A não declaração é um dado preocupante, pois como afirmam Gustavo Forde e Rasley Forde em “Impactos da COVID-19 na população negra capixaba: breve análise comparada à luz de Categoria Raça/Cor” (2020), aponta que a presença de um alto índice de não declaração já é uma característica da invisibilidade criada pela sociedade para impor a discriminação racial. Quanto ao gênero, nove alunos se identificaram como feminino, três como masculino e um não

se declarou. Esses dados permitem compreender a diversidade presente no grupo e evidenciam a necessidade de políticas educacionais sensíveis às questões étnico-raciais e de gênero (Figura 2).

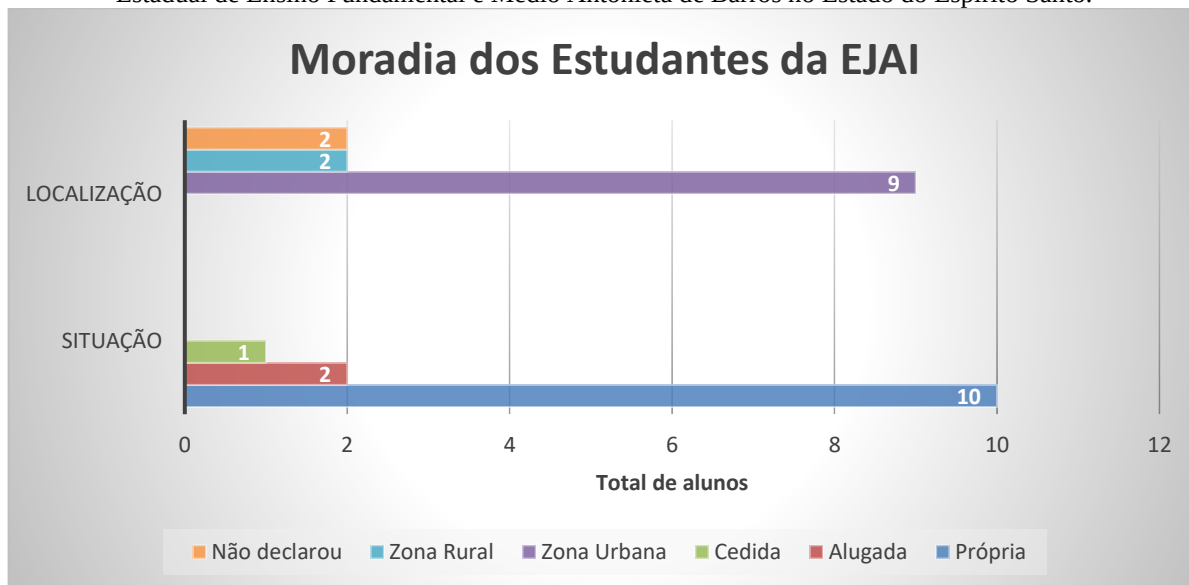
Figura 2. Distribuição segundo o gênero dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros no Estado do Espírito Santo.



Fonte: Próprio autor.

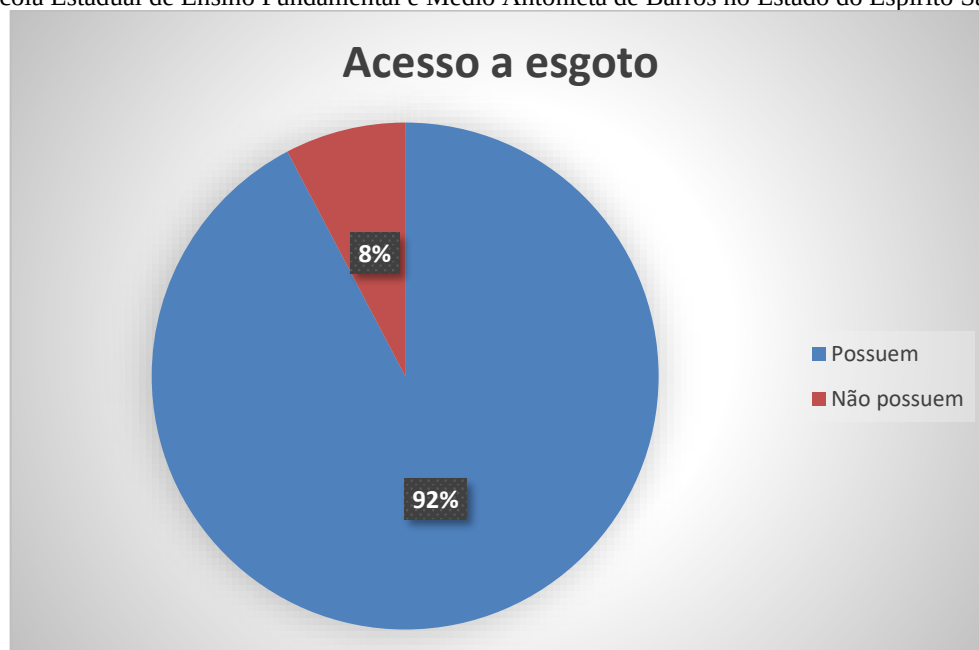
Em relação ao local de residência, nove estudantes moram na zona urbana, dois na zona rural e dois não informaram essa informação. Quanto ao tipo de moradia, dez alunos relataram viver em casa própria, dois em casas alugadas e um em casa cedida (Figura 3). Além disso, identificamos que 8% dos estudantes da EJAI não possuem tratamento de esgoto em suas residências o que demonstra uma lacuna a serviços essenciais. Esses dados permitem compreender a diversidade socioespacial e econômica do grupo, evidenciando a importância de políticas educacionais e sociais que considerem tais diferenças na promoção da permanência escolar e do bem-estar dos educandos.

Figura 3. Distribuição da moradia dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros no Estado do Espírito Santo.



Os resultados obtidos refletem as múltiplas dimensões que atravessam o cotidiano dos educandos da EJAI, especialmente no que se refere ao trabalho, às responsabilidades familiares e às dificuldades de permanência escolar.

Figura 4. Acesso a esgotamento sanitário dos estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros no Estado do Espírito Santo.



Os dados mostram que seis estudantes interromperam os estudos em algum momento para trabalhar, evidenciando a necessidade de contribuir com a renda familiar ou ajudar nas

despesas domésticas. Essa realidade reforça o que apontam Costa e Amorim (2020), ao destacarem que a trajetória dos alunos da EJAI é marcada por interrupções relacionadas às condições econômicas e à inserção precoce no mundo do trabalho. Em diálogo com Arroyo (2011), percebe-se que tais trajetórias expressam não apenas desigualdades materiais, mas também processos de exclusão simbólica e social que historicamente afastaram jovens e adultos da escola.

Além da evasão por motivo de trabalho, foi relatado que um aluno deixou de estudar durante a pandemia, quando as aulas presenciais foram suspensas, e outra aluna interrompeu os estudos em decorrência de uma gravidez. A gravidez na adolescência é um tema debatido entre os estudiosos da área (Dantas, 2020; Novaes, 2022) devido às implicações na saúde da mãe e da criança, bem como no processo de escolarização da mãe, considerando a sua nova condição. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, 18% das adolescentes, entre 10 e 14 anos, engravidaram no ano de 2015. Além disso, prevalece a presença de gravidez na adolescência entre as famílias com baixa renda salarial (Dantas, 2020). Novaes (2022) destaca a ausência de liberdade para discutir a educação sexual na escola como determinante para a manutenção deste quadro. Além disso, o autor aponta para a ineficiência na articulação dos diversos órgãos públicos para que este panorama seja evitado.

Esses casos ilustram a vulnerabilidade dos estudantes da EJAI diante de situações que exigem reorganização da vida cotidiana, confirmando a necessidade de políticas de acolhimento que garantam condições reais de permanência e continuidade escolar.

Quanto às condições de infraestrutura, observou-se que aproximadamente 8% dos alunos não possuem acesso a esgoto em suas residências, o que evidencia desigualdades estruturais que impactam diretamente na qualidade de vida e na saúde da comunidade escolar. Em relação à temática ambiental abordada no questionário, a grande maioria dos alunos (dez participantes) demonstrou consciência sobre o descarte adequado de lixo, embora apenas um relatar entregar resíduos em pontos de reciclagem. Esse dado revela uma compreensão conceitual sobre práticas sustentáveis, mas também aponta para a ausência de infraestrutura e incentivo à coleta seletiva nas comunidades em que vivem, limitando a adoção de atitudes ambientalmente responsáveis.

De modo geral, os resultados reforçam a importância da escuta ativa e do diálogo com os educandos como ponto de partida para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas. A pesquisa participante mostrou-se um instrumento eficaz para conhecer as realidades dos estudantes, permitindo à escola compreender suas demandas e planejar estratégias mais adequadas para fortalecer a permanência escolar e a valorização da EJAI.

Assim, a análise dos questionários confirma que as principais barreiras enfrentadas pelos alunos estão diretamente relacionadas às condições socioeconômicas, ao trabalho, às responsabilidades familiares e às desigualdades estruturais. Por outro lado, evidencia-se também o desejo de superação e a valorização da escola como espaço de reconstrução de projetos de vida, reafirmando o que defende Paulo Freire (1987), ao compreender a educação como prática de liberdade e transformação social. Desse modo, conhecer e refletir sobre essas trajetórias torna-se passo essencial para a consolidação de uma educação inclusiva, emancipadora e comprometida com a realidade dos sujeitos que dela participam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa participativa desenvolvida com os estudantes da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonieta de Barros, no Estado do Espírito Santo, evidenciou a importância de compreender a realidade concreta desses sujeitos como ponto de partida para a construção de práticas pedagógicas mais humanas, dialógicas e transformadoras. O envolvimento direto dos alunos no processo de investigação promoveu um movimento de escuta e diálogo que extrapolou o campo metodológico, tornando-se um exercício de cidadania e pertencimento. Quando os educandos falam sobre suas próprias vidas, eles não apenas descrevem suas condições, mas produzem conhecimento sobre si mesmos e sobre a sociedade, reafirmando a ideia freireana de que ninguém educa ninguém isoladamente: todos aprendem no encontro com o outro.

A escuta ativa e o envolvimento direto dos alunos no processo de investigação possibilitaram revelar aspectos essenciais de suas trajetórias, como as condições de moradia, trabalho, transporte e os fatores que interferem na permanência escolar. Esse movimento de fala e escuta mútua transformou a pesquisa em um espaço de reconhecimento, onde as histórias pessoais se entrelaçam com os desafios coletivos da EJAI. As informações obtidas não apenas expuseram as dificuldades estruturais vivenciadas pelos estudantes, mas também revelaram sua força de vontade e resiliência frente às adversidades. Assim, a escola passou a enxergar seus estudantes não mais como estatísticas de vulnerabilidade, mas como sujeitos de saber, portadores de experiências que enriquecem o ambiente escolar e ampliam a compreensão sobre o significado da educação na vida adulta.

Os dados apontam que, embora enfrentem dificuldades socioeconômicas e desafios cotidianos, os educandos da EJAI demonstram forte desejo de continuar estudando, reconhecendo a escola como espaço de valorização pessoal e de reconstrução de projetos de

vida. Essa constatação reforça que a permanência escolar está diretamente relacionada ao sentido atribuído ao aprender, quando o ensino dialoga com a vida, o estudante encontra motivação para seguir.

O reconhecimento da escola como lugar de acolhimento e transformação reforça a relevância das práticas pedagógicas que partem da realidade concreta dos sujeitos. Essa disposição reafirma o potencial emancipador da educação, conforme defendido por Paulo Freire (1987; 1996), ao conceber o ato educativo como prática de liberdade e transformação social. Dessa forma, a EJA se confirma como um espaço de reconstrução identitária, onde o aprender é também um ato de resistência e afirmação da dignidade humana.

Reconhecemos também que fatores externos, como o trabalho e a maternidade, continuam a impactar negativamente a permanência dos estudantes. A sobrecarga de responsabilidades, o cansaço físico e as limitações de tempo muitas vezes obrigam os estudantes a interromper seus estudos, revelando que a evasão não é fruto de desinteresse, mas de condições objetivas impostas por uma sociedade desigual. Entretanto, o sentimento de pertencimento à escola e o reconhecimento de suas identidades culturais e étnico-raciais constituem elementos fundamentais para o fortalecimento da EJA enquanto espaço democrático e inclusivo. A valorização da cultura dos educandos, a inclusão de debates sobre gênero e raça, e o acolhimento de suas experiências como saberes legítimos são estratégias que contribuem para uma escola mais aberta, empática e comprometida com a justiça social.

Esses resultados demonstram que a permanência dos estudantes na EJA depende, em grande medida, de um conjunto de fatores simbólicos e afetivos que se entrelaçam às condições materiais. O sentimento de pertencimento, o reconhecimento de suas histórias e o acolhimento por parte dos professores são elementos decisivos para que o aluno se mantenha motivado e se veja como parte de um projeto coletivo de transformação. A educação, nessa perspectiva, ultrapassa a mera instrução formal e se converte em um processo de reconstrução de vínculos, autoestima e esperança.

Dessa forma, a pesquisa reforça a necessidade de que as ações pedagógicas sejam planejadas com base no diálogo e na participação dos próprios estudantes, permitindo que a escola se torne um espaço de construção coletiva de saberes e de superação das desigualdades históricas. Essa construção não se limita à sala de aula, mas se estende à gestão escolar, às políticas públicas e ao envolvimento da comunidade. É preciso reconhecer que cada voz ouvida no processo educativo contribui para ampliar a compreensão da realidade e para reinventar as práticas que dão sentido à escola.

A valorização da escuta, da diversidade e das experiências de vida dos estudantes deve orientar as políticas e práticas educativas voltadas para essa modalidade, garantindo o direito à educação como um processo contínuo, significativo e libertador. Ao colocar o diálogo no centro da prática pedagógica, a EJAI reafirma sua função social de promover não apenas o acesso ao conhecimento, mas a construção de uma consciência crítica e solidária. Assim, o fortalecimento da EJAI depende da capacidade de suas práticas acolherem as diferenças e transformarem as dificuldades em oportunidades de crescimento, fazendo da escola um verdadeiro espaço de emancipação, autonomia e cidadania.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BERNARDES, João Paulo Ribeiro. **A Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de História em uma escola no Sul do Estado do Espírito Santo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COSTA, Danielle Sobral Porto; AMORIM, Antonio. **Desafios e perspectivas dos alunos da EJA na escola contemporânea**. Revista ECAPOSSOLI, Salvador, v. 2, n. 1, p. 1–18, 2020.
- DANTAS, Thaís Nascimento. A importância da abordagem dos direitos humanos nas políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero desde a infância: reflexões baseadas nos casos de casamento infantil, gravidez precoce e trabalho infantil doméstico no Brasil. **VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, 2020, on-line. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1132/1079>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- FORDE, Gustavo Henrique de Araújo; FORDE, Rasley de Paula. Impactos da COVID 19 na população negra capixaba: breve análise comparada à luz de Categoria Raça/Cor. NEAB-UFES. **Estudos Africana: pesquisa e extensão** – UFES, 2020. Acesso em: 02 out. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.-
- JACQUES, Eliane de Souza; OLIVEIRA, Vera Malheiros de. **Escola Paulo Freire: pesquisa participante e tema gerador – construção de uma escola popular**. EJA em Debate, Florianópolis, ano 3, n. 4, p. 169–177, jul. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOVAES, Matheus Leme. **Gravidez na adolescência e evasão escolar: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, 2022.